

**Luzinete da Silva Mussi**  
(organizadora)

# *Palavras femininas*

**Coletânea  
de homenagens  
à todas nós.  
Mulheres!**



# Palavras femininas

## **Organizadora:**

Luzinete da Silva Mussi

## **Autores:**

Adriana de Oliveira Teodoro

Cecília de Campos França

Daiane nascimento da Silva

Ediana de Oliveira Teodoro Hasse

Isabely Silva

Jéssica de Jesus Santana

Léo Ricardo Mussi

Lizangela Behrmer

Luzinete da Silva Mussi

Marcelo de Souza

Maria Beatriz de Freitas Silva

Rosilda Von Randow Vieira

Sidineia de Araújo

Sônia Cristina Sirqueira Resplande

Wanda Cristina Costa da Silva

Yane karoline Felis da Silva

Zelgilda Ramires Ramos



Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa do autor (art. 184 do Código Penal e Lei no 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Editoração / Capa: Instituto Saber

Organizadora: MUSSI, Luzinete da Silva.

Autores: ARAÚJO, Sidineia de; BEHRMER, Lizangela; FRANÇA, Cecília de Campos; HASSE, Ediana de Oliveira Teodoro; MUSSI, Léo Ricardo; MUSSI, Luzinete da Silva; RAMOS, Zelgilda Ramires; RESPLANDE, Sônia Cristina Sirqueira; SANTANA, Jéssica de Jesus; SILVA, Daiane nascimento da; SILVA, Isabely; SILVA, Maria Beatriz de Freitas; SILVA, Wanda Cristina Costa da; SILVA, Yane karoline Felis da; SOUZA, Marcelo de; TEODORO, Adriana de Oliveira; VIEIRA, Rosilda Von Randow.

Palavras femininas. Organizadora: Luzinete da Silva Mussi. 1 ed. – Sinop-MT: Instituto Saber de Ciências Integradas, 2022.

61 p.

ISBN 978-65-87333-16-8

1.Educação. I. Título.

CDD – 370

Instituto Saber de Ciências Integradas

– Publicação de ebooks das mais variadas linhas editoriais:  
[isciweb.com.br/livros](http://isciweb.com.br/livros)

– Publicação de capítulos de livros digitais na área de Educação:  
[isciweb.com.br/livros/39](http://isciweb.com.br/livros/39)

– Publicação de artigos científicos através de nossa Revista Científica  
Digital Multidisciplinar: [isciweb.com.br/revista](http://isciweb.com.br/revista)

Acesse!

Leia!

Publique!

### **Conselho editorial**

Prof.<sup>a</sup> Me. Luzinete da Silva Mussi (Editora-chefe)

Dr. Léo Ricardo Mussi

Prof. Especialista Lúcio Mussi Junior

# Sumário

CAPÍTULO I - A CRÔNICA DA OVELHA (Ediana de Oliveira Teodoro Hasse; Adriana de Oliveira Teodoro).....	6
CAPÍTULO II: A MULHER E SUA IMPORTÂNCIA NA SOCIEDADE (Sônia Cristina Sirqueira Resplande; Yane karoline Felis da Silva; Maria Beatriz de Freitas Silva; Marcelo de Souza).....	11
CAPÍTULO III - IGUALDADE, AINDA QUE TARDIA (Luzinete da Silva Mussi).	15
CAPÍTULO IV - MULHER, MULHERES, TODAS NÓS: FEMINISMO PLURAL (Cecília de Campos França) .....	19
CAPÍTULO V - MULHERES, VALENTES E EDUCADORAS (Sidineia de Araújo; Lizangela Behmer; Wanda Cristina Costa de Deus; Daiane Nascimento da Silva Lima; Rosilda Von Randow Vieira Mesquita).....	45
CAPÍTULO VI - O BARULHO DO SILÊNCIO: RELACIONAMENTO ABUSIVO EM UMA COMUNIDADE RURAL (Jéssica de Jesus Santana) .....	49
CAPÍTULO VII - SER MULHER (Zelgilda Ramires Ramos) .....	57
CAPÍTULO VIII - SUPER MULHERES? BASTA OLHAR AO LADO (OU NO ESPELHO)! (Isabely Silva; Léo Ricardo Mussi) .....	59

**CAPÍTULO I - A CRÔNICA DA OVELHA (EDIANA DE OLIVEIRA  
TEODORO HASSE; ADRIANA DE OLIVEIRA TEODORO)**

## A CRÔNICA DA OVELHA

Ediana de Oliveira Teodoro Hasse  
Adriana de Oliveira Teodoro

A ovelha morava com sua família. Ela vivia feliz, com seu pai, sua mãe e suas irmãs ovelhas. Sua família não era perfeita, mas o amor ali prevalecia. Um ajudava o outro e assim todos seguiam. Lá fora, em outros rebanhos, as outras ovelhas falavam e pensavam que tinha que ser assim ou assado, mas ali o amor prevalecia. Se uma ovelha aparecesse machucada, já acontecia um movimento naquele rebanho e todas as ovelhas ajudavam de alguma forma, pois ali o amor prevalecia.

Como em todo rebanho, as ovelhas acabam arrumando um companheiro e vão formar um novo rebanho... um dia então como assim aconteceria uma das ovelhas conheceu um novo companheiro, pois o companheiro anterior era muito mal.

Mas esse... ah, esse era diferente! Então sem pensar duas vezes aquela ovelha aceitou aquele companheiro.

Fizeram planos, planos tão incríveis que fizeram aquela ovelha sonhar com um mundo melhor... O que seria melhor? Mas aquele companheiro, era de um rebanho muito distante. Aquela ovelha pensou, "vou ter que ficar longe de todos", da mãe ovelha, do pai ovelha, e das irmãs ovelhas? Como seria? Seria difícil, mas aquele companheiro à cuidaria e protegeria... ela iria conhecer outros rebanhos, viveria novas experiências, iria conquistar muitas coisas, pois ela gostava muito de trabalhar. Mas e seu rebanho? Como ficar longe daquele rebanho onde o amor prevalecia?

Ah, mas aquele companheiro à protegeria!

Então ela se despediu de seu rebanho muito triste!

Saudosa seguiu em rumo ao desconhecido, na esperança de um mundo melhor... mas o que era melhor?

Afinal, no seu rebanho, o amor prevalecia!

Aquela ovelha foi para um rebanho muito distante, trabalhou muito, conquistou muitas coisas, mas a saudade apertava no peito. Ela se sentia só,

sentia muita falta do seu rebanho... ah, o seu rebanho! Ali sim o amor prevalecia!

Os dias passavam e aquela ovelha trabalhava, e ajudava o seu companheiro no rebanho dele.

Porém aquela ovelha se sentia muito só! Até que um dia, um dia muito feliz uma parte do seu rebanho veio morar ali! Tão pertinho! Era inacreditável! Aquela ovelha se sentiu mais confortada... pois aquela pequena parte de seu rebanho, confortavam aquela ovelha com o amor que nutriam em seu rebanho! Assim se passaram alguns anos, e como nada é permanente, aquela pequena parte do rebanho resolveu voltar para o rebanho, perto da ovelha mãe e da ovelha pai, onde o amor prevalecia! Isso deixou aquela ovelha arrasada. Mas ela continuou a trabalhar, volta e meia ela ia ter com seu rebanho, se nutria daquele amor que ali prevalecia e voltava para seu novo rebanho.

Porém aquela ovelha foi ficando cada dia mais triste, longe de seu rebanho... se sentia desprotegida, pois seu companheiro não se cansava de viajar rebanhos mundo à fora, à trabalho ou mesmo pra se divertir. Aquela ovelha foi se sentindo cada dia mais só!

Até que um dia aquela ovelha descobriu que teria uma ovelhinha! Que incrível! Uma ovelhinha! Porém foram muitas incertezas, e muitos desafios para aquela ovelha. Ela teve problemas, se sentiu fragilizada e só, mas ela foi forte, e aguardava ansiosa a chegada daquela ovelhinha!

Chegou o dia tão esperado, a mãe ovelha já estava por perto para ajudar aquela ovelha naquela nova fase de sua vida! Foi incrível! Uma nova ovelhinha, veio para pertencer aos dois rebanhos! Coisa mais linda! A mãe ovelha, ficou ali, ajudou aquela ovelha, (mamãe ovelha), com as muitas novidades que a maternidade trás, a mamãe ovelha se sentia muito protegida! Mas chegou o dia da mãe ovelha voltar pro seu rebanho, onde o amor prevalecia! A mamãe ovelha chorou muito! Como ela faria? Como? Com uma ovelhinha, e longe da mãe ovelha? Mas aquela ovelha, que agora era uma mamãe ovelha tinha que ser forte, pois ela tinha uma ovelhinha que estava ali, dependendo dela! Isso mesmo, dependendo dela!

Seu companheiro tinha seus problemas, sua vida e não podia ficar ali preso às questões da maternidade! A mamãe ovelha daria um jeito!

Essa mamãe ovelha foi muito forte, ela escondeu a tristeza e ergueu a cabeça. Agora uma ovelhinha linda estava ali, pra ser sua parceira, mas totalmente dependente dela!

Então essa mamãe ovelha, lutou com as armas que tinha! Mas ela não estava sozinha! Tinha uma pequena ovelha de um outro rebanho que ajudava aquela ovelha em questões burocráticas... essa pequena ovelha foi se tornando cada vez mais próxima da mamãe ovelha, e vibrou muito com a chegada da ovelhinha! O ano passou e essa pequena ovelha se tornou muito próxima da mamãe ovelha! E é a ovelhinha? Ah, a ovelhinha só conheceu o amor da pequena ovelha! Então ela era muito importante para a ovelhinha! Como nem tudo são só flores, a mamãe ovelha se deparou com o seu maior medo, a ovelhinha estava doente! Foram tempos difíceis, mas a mamãe ovelha pode perceber que além da pequena ovelha ela teve apoio de muitas ovelhas! A ovelha mana, o papai ovelha (seu companheiro), a pequena ovelha e as ovelhas de seu rebanho onde o amor prevalecia... então ela orou à Deus, entregou sua causa à Deus! Deus colocou ovelhas importantes em sua vida, ovelhas que deram apoio à mamãe ovelha!

Deus colocou uma ovelha construtora na vida da mamãe ovelha! Através dessa ovelha construtora Deus pode falar muitas coisas para a mamãe ovelha!

Depois de muita correria, Deus abençoou e a ovelhinha era perfeita! A mamãe ovelha pode respirar aliviada! Papai ovelha também!

A vida seguiu seu fluxo para a mamãe ovelha.

Ela se sentia muito só, papai ovelha só sabia fazer suas próprias vontades, ignorando que mamãe ovelha e ovelhinha estavam ali, carentes de apoio e atenção! Então outros rebanho e ovelha perguntavam e falavam! Mas a mamãe ovelha muitas vezes falava dos seus anseios com a pequena ovelha e com a ovelha mana!

Ah, essas ovelhas... elas foram muito importantes na vida da mamãe ovelha, foram fundamentais!

Papai ovelha seguia do mesmo jeito!

Um dia mamãe ovelha já muito cansada decidiu que papai ovelha já não era mais necessário, pois não se sentia amada e não podia contar com ele para coisas do cotidiano! Coisas que constituem um rebanho!

Muitas coisas aconteceram, e ela decidiu que iria voltar com a ovelhinha para seu rebanho!

Então ela entregou à Deus todos os seus anseios.

Deus falou para a mamãe ovelha ficar confiante, pois ele estava com ela nessa caminhada.

Mamãe ovelha vem de um rebanho onde o amor prevalece, e viver uma vida onde o amor e o respeito são praticados, é muito importante pra ela. Mas como Deus é maravilhoso, a mamãe ovelha sentiu o amor e o conforto divino. Mamãe ovelha traçou uma meta, um tempo determinado por Deus.

Mamãe ovelha confiou, voltou atrás, e espera esse tempo se cumprir! Com fé e com amor!

Deus colocou muitas ovelhas na vida da mamãe ovelha, para ajudar ela nessa caminhada!

O pai ovelha veio do seu rebanho distante onde o amor prevalecia e ficou muitos dias com a mamãe ovelha e a ovelhinha.

Mas também chegou o dia do pai ovelha voltar para seu rebanho.

Novamente mamãe ovelha chorou muito, coitada ela era só lágrimas e saudade.

Deus também colocou um pastor de ovelhinhas na vida da mamãe ovelha e da ovelhinha, que é muito sábio e ajuda muito a mamãe ovelha nas questões espirituais.

O Papai ovelha tem a oportunidade de cuidar da mamãe ovelha e da ovelhinha, porém se não o fizer, no tempo determinado por Deus, ele terá escolhido seu próprio destino!

Mamãe ovelha então olhou para si, em todos os aspectos.

Voltou à faculdade, trabalha em projetos que deixou somente no papel.

Sente que tem muita coisa a viver e que tem um mundo cheio de oportunidades esperando ovelhas determinadas e confiantes para conquistá-lo, sem medo e sem preconceito!

Mamãe ovelha confiou à Deus o desenrolar de todos os aspectos de sua vida.

**CAPÍTULO II: A MULHER E SUA IMPORTÂNCIA NA SOCIEDADE  
(SÔNIA CRISTINA SIRQUEIRA RESPLANDE; YANE KAROLINE FELIS  
DA SILVA; MARIA BEATRIZ DE FREITAS SILVA; MARCELO DE  
SOUZA)**

## **A MULHER E SUA IMPORTÂNCIA NA SOCIEDADE**

Sônia Cristina Sirqueira Resplande<sup>1</sup>

Yane karoline Felis da Silva<sup>2</sup>

Maria Beatriz de Freitas Silva<sup>3</sup>

Marcelo de Souza<sup>4</sup>

Vivemos numa sociedade, na qual atualmente a mulher tem grande presença em todos os aspectos, o que difere muito dos tempos de nossas mães e avós.

O século passado foi marcado por muitas mudanças no mundo feminino com maior liberalismo, conquista de liberdades e espaço no mundo dos negócios, no mercado de trabalho, nos esportes, nas forças armadas, nos trabalhos televisivos e artístico.

A mulher sempre teve grande importância na sociedade. Nos dados históricos a sua presença é marcante quando surgiu a telefonia, com a luta das mulheres telefonistas, assim como na área da saúde com a constante ação das mulheres enfermeiras em guerras mundiais e batalhas entre povos.

A mulher ainda em tempos mais remotos demonstrava sua importância, como nos históricos bíblicos que ressaltam mulheres como a Rainha Ester, a Juíza Débora e a rainha de Sabá.

As mulheres também são muito visadas em toda e qualquer sociedade ou época. Sempre houveram atitudes preconceituosas, desrespeitosas e que maculam a imagem da mulher em suas ações e trabalhos.

---

<sup>1</sup> soniasiqueiraresplande@gmail.com, Pedagoga, Especialista em AEE - Atendimento Especial ao Aluno; e em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

<sup>2</sup> yanekaroline@hotmail.com.br, Pedagoga, especialista em Psicopedagogia clínica e institucional e em educação infantil.

<sup>3</sup> beatrizpva98@gmail.com, Pedagoga, especialista em Psicopedagogia e Anos Iniciais.

<sup>4</sup> marsouza256@gmail.com, Pedagogo, especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Educação Infantil e Séries Iniciais.

Contudo, também sempre houveram momentos de reconhecimento, atitudes de respeito, honrarias e homenagens como é dia 8 de março, o qual fora escolhido para representar a importância das mulheres na sociedade.

A mulher conquistou com muita luta, protestos e garra o seu espaço na sociedade e passou a ter voz ativa, o direito de voto, de trabalhar fora, de decidir entre casar-se ou ter sua independência profissional e financeira, entre ser mãe ou adiar isso e até nunca ser. Se apenas mulher.

A mulher com suas características mais delicadas e femininas conseguem dar um toque especial de zelo, cuidado e romantismo a tudo. Mas, há mulheres fortes, audaciosas, combativas e que conseguem suportar desafios de forma invejável.

Mas, há fatos sobre a sociedade que não enobrecem a mulher. Ao contrário, diminui sua importância e significado e isso precisa ser combatido. Em todo o mundo e todas as culturas, a mulher que ter seu espaço, sua liberdade. Não como objeto de desejo e nem de sexualização, nem mesmo sempre atrelada à imagem de mãe e guerreira. Muitas querem demonstrar suas fraquezas enquanto outras, a sua força, mas, ambas querem ser respeitadas em suas decisões e opiniões. Não pode ser mais tolerado ambientes hostis onde a mulher seja diminuída, acuada, ameaçada e oprimida.

As tecnologias permitiram que mulheres de sociedades mais rígidas e fechadas tivessem acessos ao mundo exterior, à costumes e culturas distintas. Com isso muitas também se desertaram para as lutas que hoje têm como causa a violência doméstica e em todas as esferas, o abuso e a exploração sexual, as relações abusivas, as leis e culturas imorais e intoleráveis com a mulher e que ainda perdura em muitos locais.

A mulher hoje tem seu papel ativo e passivo na sociedade e precisa atuar de forma mais incisiva, mostrando seu potencial diante de tudo e de todos. Ainda é preciso ter muitas mudanças, mas, a maioria só começa nas denúncias, nas atitudes de pessoas do bem que apontam, denunciam e reprovam toda e qualquer atitude abusiva contra as mulheres.

Em todo o mundo independente de cor, raça, religião e classe social as mulheres precisam ser respeitadas e não tratadas como objeto de desejo e

nem exploradas por pessoas que se aproveitam de sua vulnerabilidade e as fazem refém de um sentimento doentio.

Ah que se instruir mais e investir mais na educação de meninas e meninos. Elas para que se valorizem, e eles para que as respeitem. Sejamos uma sociedade mais justa, igualitária, inclusiva e livre para todos os gêneros. Mas, que nunca percamos a noção e nem nos esqueçamos da importância do sexo feminino na sociedade. Feliz 8 de março, feliz dia da mulher.

**CAPÍTULO III - IGUALDADE, AINDA QUE TARDIA (LUZINETE DA  
SILVA MUSSI)**

## **IGUALDADE, AINDA QUE TARDIA**

Luzinete da Silva Mussi<sup>5</sup>

Ao longo da história humana, a mulher sempre foi de alguma forma privada de direitos, subjugada e/ou explorada. Muito se conquistou na busca por igualdade de gênero, sobretudo nas últimas décadas, no entanto, percebe-se que muito ainda precisa mudar.

É difícil entender como ainda hoje vivemos em uma sociedade com significativos traços do machismo e do patriarquismo que imperou em outros tempos, haja vista contarmos com mulheres atuando em praticamente todos os setores da sociedade e exercendo todo tipo de funções. Está evidente e comprovado de maneira prática que a mulher pode desempenhar os mesmos trabalhos que os homens, apresentando resultados análogos, embora geralmente recebendo menos por isso.

Percebe-se claramente que não se trata de um problema fundamentado em fatos, mas sim em preconceitos e costumes infundados mantidos ao longo dos tempos, passados de geração para geração, dos quais ainda não fomos capazes de nos livrar por completo.

É preciso entender que antes de sermos mulheres ou homens somos seres humanos e tal fato nos faz iguais, de forma geral, tanto em nossas capacidades como em nossas fraquezas e falhas. Neste quesito, as especificidades oriundas do dimorfismo sexual são tão pequenas quanto insuficientes para amparar o julgamento de que homens sejam mais eficientes que mulheres ou vice versa.

---

<sup>5</sup> Diretora do Instituto Saber de Ciências Integradas e Coordenadora do Polo Sinop do Grupo PROMINAS (instituição que oferece cursos de Pós-graduação, Graduação e Complementação Pedagógica). Pedagoga. Licenciada em Educação Física. Psicopedagoga Clínica e Institucional. Especialista em Sociologia e Filosofia e em Gestão Educacional. Mestra em Ciências da Educação. prof.luzinetemussi@gmail.com

Acredito que a luta da mulher por igualdade de direitos seja tão antiga quanto a própria humanidade e se mostra pautada principalmente em três pilares: a educação, a conscientização e a punição.

Deste modo, há de se educar a criança dentro dos valores de igualdade de direitos e capacidades. É natural que um indivíduo tenha mais facilidade ao lidar com algumas tarefas que outros, mas este fato independe do sexo ou mesmo da sexualidade. As novas gerações precisam crescer sabendo que as capacidades e a forma como se desempenha seu papel na sociedade independe de seu sexo.

É preciso destacar que um ser humano pode ser o que quiser, desde que “lute” para isso e, ao longo da história humana, muitas mulheres não puderam ter destaque porque os homens que estavam no poder conseguiram impedi-las e não por falta de capacidade da parte delas. Isso não foi justo, sendo igualmente injusto que permitamos que continue acontecendo.

A questão da conscientização está mais focada nos indivíduos adultos que, por assim dizer, já têm seu conjunto de valores bem definidos. Conscientizar pessoas de que os costumes e valores assimilados na infância mostra-se como uma tarefa mais penosa, embora necessário e possível, ao menos em parte. É preciso quebrar o silêncio muitas vezes imposto de hábito. É imprescindível combater cada ato machista e de infração aos direitos femininos independente do grau. É preciso que mais e mais pessoas tomem as dores ao ver uma mulher sofrer algum constrangimento em virtude de seu gênero, é preciso que cada vez mais pessoas repudiem os atos machistas e de desmoralização da mulher, ainda que sejam aquelas piadinhas ditas “inofensivas”.

Já com relação à punição, a legislação brasileira também evoluiu bastante nas últimas décadas com relação ao combate à violência contra a mulher, no entanto, ainda deixa muito a desejar não apenas com relação à punição dos agressores, bem como no atendimento às vítimas. Neste quesito, parte significativa do processo está fora do alcance do cidadão comum, já que a legislação evolui de maneira mais lenta do que gostaríamos e não podemos controlá-la. No entanto, cada um de nós tem sua forma e juntos somos mais e mais fortes.

Neste sentido temos que ser fortes e fazer cada um de nós a nossa parte. Não devemos aceitar menos que a igualdade. Jamais devemos nos calar frente a uma situação de violação do direito da mulher, ao contrário, devemos apoiar e buscar ajuda se preciso. Nós somos a sociedade e a mudança de cada um de nós fará as mudanças capazes de construir a sociedade com a qual sonhamos.

Meus parabéns à todas as mulheres!

Somos guerreiras em uma luta que terá fim quando a igualdade de gênero for uma realidade plena.

Meu respeito à todas que já lutaram está batalha em que muitas perderam suas vidas na luta.

**CAPÍTULO IV - MULHER, MULHERES, TODAS NÓS: FEMINISMO  
PLURAL (CECÍLIA DE CAMPOS FRANÇA)**

## **MULHER, MULHERES, TODAS NÓS: FEMINISMO PLURAL**

Cecília de Campos França

Lugar de mulher é onde ela quiser.  
Barbi; Averbuck; Messias

Feminismo plural refere-se a diferentes ideologias e pautas reivindicatórias, ainda que, em alguns casos se tenha questões complementares. Farei a seguir uma breve exposição de alguns destes movimentos buscando pôr em relevo alguns pontos de divergência e convergência entre os feminismos. Vale deixar claro, desde o início, que o objetivo é trazer sucintamente alguns deles, pois esta temática é complexa. Trarei também a contextualização histórica destes movimentos.

Ao falar dos Direitos das Mulheres é fundamental que se conheça como fomos vistas ao longo da história ocidental. Durante séculos e séculos fomos proibidas de participar dos espaços públicos e não éramos consideradas cidadãs. O espaço reservado era o da casa, o espaço privado e os afazeres se restringiam ao trabalho doméstico e ao cuidado da família.

Na Antiguidade ocidental, sociedades como a Grécia e Egito negavam a leitura, a escrita e qualquer tipo de educação formal a todas. Na Idade Média continuavam apartadas de quaisquer direitos políticos, liberdade e independência social. A Idade Média ficou marcada pela Inquisição e a brutal perseguição aos seus opositores, contestadores e a quem ousasse ser diferente das prescrições sociais, que não se enquadrassem no modelo prescrito pela Igreja Católica. As que ousassem subverter a posição que lhes era reservada, eram tidas como bruxas, perigosas e, via de regra, sentenciadas à morte e queimadas na fogueira inquisitorial (POLITIZE; MATTOS FILHO, s/d).

Em 1789 período da Revolução Francesa, foram criados os primeiros direitos das mulheres. Estes foram consequência das denúncias e reivindicações que ativistas políticas como Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft fizeram no continente europeu. Elas criticavam a exclusão

sofrida por muitas que viviam sem condições de acesso à direitos básicos como educação, por exemplo. A luta delas era por educação e pela igualdade de direitos. Olympe de Gouges elaborou a primeira Declaração dos Direitos das Mulheres Cidadãs em 1791. Em 1793 foi sentenciada a morte na guilhotina. A luta por estes direitos cresceu por todo mundo. Foi somente, um século após a Revolução Francesa, em 1893 na sociedade da Nova Zelândia, depois de um período de protestos e campanhas, elas conseguiram o direito ao voto pela primeira vez. Como se pode verificar, estes direitos têm sido um enorme desafio quanto à sua materialização e reconhecimento. Importante salientar aqui que enquanto as mais abastadas lutavam pelo direito ao trabalho remunerado na esfera pública, as mais pobres sempre trabalharam em troca de salário, pois esta seria a única forma de se manterem (POLITIZE; MATTOS FILHO, s/d).

Em 1789 James Madison, o quarto presidente norte-americano, elaborou a Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão, e sua esposa Dolley Madison o parabenizou por esta ação, ao mesmo tempo em que o lembrou de estar em falta com as damas, pois estes direitos deveriam ser extensivos a elas também. Mesmo ele, que demonstrava uma consciência mais avançada para sua época, achou um absurdo a solicitação de elaborar uma Declaração de Direitos da Mulher e da Cidadã. Como vimos acima, mesmo na França da Revolução em que as pautas eram Liberdade, Igualdade e Fraternidade, os “revolucionários” não incluíram as mulheres nestas reivindicações, demonstrando seu conservadorismo.

Em 1945 com a criação da ONU é que ocorreu o reconhecimento destes direitos, com a elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que tinha por objetivo defender a dignidade de todas as pessoas, sem exceção, tendo por premissa a igualdade. Foi a partir desta conquista que ganha destaque o reconhecimento das particularidades e necessidades dos grupos vulneráveis, como no caso do gênero feminino (POLITIZE; MATTOS FILHO, s/d).

Em 1975 na Primeira Conferência Mundial Sobre a Mulher organizada pela ONU foi discutida a importância de criação de instrumentos que garantissem estes direitos em nível internacional. Como consequência desta

ação foi criada a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres em 1979. O documento visou promover os enfrentamentos das desigualdades de gênero e as práticas discriminatórias existentes, definindo que: “Discriminação contra a mulher significará toda a distinção, exclusão ou restrição baseada no sexo”. Este foi o documento pioneiro que abordou de forma ampla a questão de gênero em relação aos direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais das mulheres. Esta Convenção ainda hoje é o principal Tratado Internacional destes direitos. Foi com este documento que os nossos direitos sexuais e reprodutivos foram reconhecidos internacionalmente, pois buscou nos trazer autonomia sobre o próprio corpo e o direito de expressar livremente nossa orientação sexual. Esta conquista visa contribuir com a nossa saúde e bem estar físico, mental e social, permitindo assim a livre expressão de nossa sexualidade. Este direito contribui ainda para enfrentar a violência sexual como a mutilação genital feminina que, segundo dados da OMS atinge 200 milhões de mulheres em todo o mundo, entre elas adolescentes e crianças. (POLITIZE; MATTOS FILHO, s/d).

No Brasil a Constituição Federal representa um marco e um avanço na legislação quanto aos nossos direitos, pois seu texto fala em proteção e acesso a serviços de Saúde, a métodos contraceptivos, a informação e educação sexual e a possibilidade de expressar livremente sua orientação sexual. Estes direitos envolvem a questão do aborto, conforme o Código Penal. O aborto é autorizado quando a vida da gestante está em risco, em casos de estupro e quando o feto for anencéfalo. A CF/88 é o principal documento de defesa destes direitos, trata da igualdade entre os gêneros. Proíbe ainda a discriminação das mulheres no mercado de trabalho, fala de acesso a bens e serviços como garantia de dignidade. Infelizmente a CF/88 não tem sido materializada nas ações governamentais, tão pouco no cotidiano que conta com altos índices de violência doméstica, feminicídio, miséria, fome, discriminação de toda ordem inclusive no mercado de trabalho, baixos salários, remuneração abaixo das recebidas por homens, desvalorização e vulnerabilidade. Nos espaços de poder como Congresso Nacional as mulheres somam 15% de presença, apesar da lei de 1997 estabelecer que os partidos

políticos devem preencher suas candidaturas com 30% de pessoas do gênero feminino.

Dentre as vítimas de feminicídio, todos os dias no país, o Atlas da Violência (2021) mostra que 68% das que são assassinadas são negras. Atualmente temos a Lei Maria da Penha que visa combater este tipo de violência no país. No entanto, continuamos a morrer por este crime. O Direito, como um conjunto de normas e regras para disciplinar condutas, precisa ser mais ágil e aberto às dificuldades e reivindicações dos diversos movimentos em favor dos direitos das mulheres, pois não será possível consolidar democracia com racismo, desigualdades, violência, hierarquização de pessoas e grupos. A garantia de direitos está estreitamente ligada com comportamentos, estereótipos, preconceitos, discriminação em razão de classe social, raça, orientação sexual e que fazem muitas mulheres acessarem menos direitos que outras. É urgente que se elabore políticas públicas voltadas à proteção de todas, observando suas necessidades e diversidade, além de juntas, em solidariedade propormos ações que possam repensar e tensionar ações, comportamentos, linguagem, discursos com a finalidade de desconstruir estas relações sociais formatadas no capitalismo patriarcal, opressor e dominador.

Um breve resumo dos movimentos feministas identificados a partir do século XIX e começo do século XX está descrito a seguir. Neste período muitas se organizaram para conquistar direitos políticos. Depois da Segunda Grande Guerra reivindicavam o direito ao próprio corpo, prazer e contra a ideologia patriarcal. Nos anos 1990 a reivindicação se dá visando a diversidade das mulheres que se materializa em **diversas intersecções nas quais a opressão é vivenciada com intensidades e formas diversas. Nos últimos tempos o que temos são manifestações coletivas para a manutenção de direitos conquistados e a luta contra a violência e a cultura do estupro pois estamos vivendo uma ascensão de ideias e posicionamentos fascistas (PEDRO, 2018).**

**Mais recentemente, temos em construção o movimento feminino decolonial que se ocupa com a transformação social de forma radical e que visa, por meio da solidariedade e de sua internacionalização analisar criticamente as sociedades. Sua busca é por justiça social, emancipação**

**e liberdade. Entre seus pressupostos está o antirracismo, o anti-imperialismo e a luta para o desmantelamento da sociedade patriarcal e do regime de heterossexualidade, visto como ideologia. Tratarei deste movimento, suscintamente, mais à frente.**

O feminismo plural envolve a diversidade de movimentos que foram identificados ao longo da história da humanidade. Tem-se na literatura o denominado Feminismo Liberal ou hegemônico que concebeu as mulheres como homogêneas, além de não contar com a participação de negras e indígenas. Suas reivindicações eram pelo sufrágio universal e foi mobilizado em grande parte por protagonistas de classe mais abastada, brancas e com estudo, sem que fizessem referência a outras tantas, de classes sociais e com diferentes urgências. Por isso, atualmente existe uma discussão a respeito de superação deste feminismo, pois ele não abarca um número significativo de mulheres tais como as indígenas, negras, lésbicas, e as que vivem nos países colonizados (RIBEIRO, 2017).

Lélia Gonzalez reconheceu a importância para o Feminismo Negro Decolonial ter teoria e prática como instrumentos de combate das desigualdades e de enfrentamento da ordem capitalista e do patriarcado, colocando-se em busca de novas formas de ser mulher. No entanto, argumentou que as críticas ao capitalismo patriarcal, embora necessárias, são insuficientes como resposta às mulheres negras e indígenas da América Latina, pois precisaria incluir outro tipo de discriminação tão grave quanto as outras citadas: a opressão de caráter racial” (GONZALEZ, 2020; RIBEIRO, 2017, p.17). Falando de Lélia Gonzalez, Djamilá Ribeiro (2017, p.17) diz:

Gonzalez evidenciou as diferentes trajetórias de resistências dessas mulheres e defendeu um feminismo afro-latino-americano colocando em evidência o legado de luta, a partilha por caminhos de enfrentamento ao racismo e ao sexismo já percorridos. Assim, mais do que compartilhar experiências e colonialismo, essas mulheres partilham processos de resistência.

Lélia Gonzalez tem como proposta a decolonização do conhecimento, refuta qualquer neutralidade epistemológica. Reflete que a linguagem dominante pode ser usada como estratégia de manutenção do poder, pois desqualifica outros modos de linguagem, próprios de pessoas que não

acessaram oportunidades educacionais de qualidade dentro de um sistema justo. Dependendo de como se utiliza a linguagem, esta pode representar um entrave para o entendimento e criar espaços de poder, além de impedir que se construa uma educação transgressora. O que se tem aqui é a valorização dos saberes dos povos originais e de todos os povos que foram submetidos à colonização (RIBEIRO, 2017).

O Feminismo LGBT busca se incluir em alguns padrões heterossexuais mesmo assumindo-se como lésbicas, gays e trans, procuram o casamento obrigatório, a adoção de crianças e o reconhecimento do Estado frente as suas identidades e modo de vida. Não questionam a heterossexualidade como regime de poder e ideológico.

Para Ochy Curiel (In: TEIXEIRA, 2017, p.112) o Feminismo Lésbico Decolonial tem como objetivo acabar com todas as opressões desumanas que se fazem a muitas pessoas. A heterossexualidade não é apenas convivência de casais de sexos diferentes, “mas como uma forma de apropriação da vida das mulheres, dos corpos, incluindo a apropriação do trabalho”. Em sua obra “La Nación Heterossexual” a proposta não é apenas para feministas, mas para movimentos sociais, pois a ideia é que entendam como funciona o regime da heterossexualidade e seu poder, para que o combate a isso possa ser “de corresponsabilidade de todo aquele que se propõe a uma transformação social”.

Curiel (In: TEIXEIRA, 2017, p.112) fala do regime heterossexual como “complexidade das relações sociais, econômicas, políticas, subjetivas, interpessoais. Acredito quando se diz que o regime de heterossexualidade gera um binarismo”. Continua Curiel (In: TEIXEIRA, 2017, p.113):

[...] não se trata somente de como a sociedade separa homens e mulheres e os torna homogêneos. É dizer, qual o tipo de relação social que há nesse regime, que fundamentalmente é a apropriação. E essa apropriação é de alguns corpos específicos – mais especialmente, nesse caso, dos nossos, que fomos construídas como mulheres, lembrando que algumas de nós, lésbicas, também reproduzimos isso em nossas relações. Essa apropriação está dentro e atua na dimensão jurídica e econômica. Isso era algo que me interessava visualizar: o potencial que tem essa categoria e essa proposta para entender como temos reproduzido o racismo. O racismo é estrutural, localizado, contextualizado, assim como é o funcionamento do regime de heterossexualidade. (...) E para mim,

creio que uma das coisas que faltam ao feminismo, a nível geral, é compreender essa dimensão estrutural desse regime.

Curiel (In: TEIXEIRA, 2017, p.116) questiona:

Quem produziu a negra? Teríamos de nos perguntar, em uma proposta política de transformação. Quem produz a mulher? Quem produz o pobre? Fundamentalmente são os regimes de opressão. A interseccionalidade não dá conta, não chega a essas análises e coloca as diferenças como quase inatas, já dadas.

Importante pôr em relevo que há autoras que, embora concordem que a interseccionalidade não dá conta de chegar em análises críticas, dizem ser este um conceito importante e útil para o entendimento da complexidade desta questão.

O Feminismo Decolonial luta pela transformação social, pela eliminação de uma matriz que tem o poder de julgar quais saberes são válidos ou não; quais corpos são humanos ou não. Esta é uma luta por justiça social, emancipação e liberdade. É um feminismo que veio para atender 99% da população. Petrone traz no prefácio da obra “Feminismo para os 99%: Um Manifesto de autoria de Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser publicado em 2019, onze teses que fundamentam esta luta. Vejamos quais são as teses apontadas por Petrone (2019):

1) Uma nova onda feminista está reinventando a greve; 2) O feminismo liberal está falido. É hora de superá-lo; 3) Precisamos de um feminismo anticapitalista – um feminismo para os 99%; 4) Vivemos uma crise da sociedade como um todo – e sua causa originária é o capitalismo; 5) A opressão de gênero nas sociedades capitalistas está enraizada na subordinação da reprodução social à produção que visa ao lucro. Queremos subverter as coisas na direção certa; 6) A violência de gênero assume muitas formas, sempre enredadas nas relações sociais capitalistas. Prometemos combater todas elas; 7) O capitalismo tenta regular a sexualidade. Nós queremos libertá-la; 8) O capitalismo nasceu da violência racista e colonial. O feminismo para os 99% é antirracista e anti-imperial; 9) Lutando para reverter a destruição da Terra pelo capital, o feminismo para os 99% é ecossocialista; 10) O capitalismo é incompatível com a verdadeira democracia e a paz. Nossa resposta é o internacionalismo feminista; 11) O feminismo para os 99%

convoca todos os movimentos sociais a se unir em uma insurgência anticapitalista comum.

Na obra “Memória Feminina: mulheres na história; história de mulheres” de Assis e Santos (2016) encontramos referência a tantas mulheres que foram protagonistas da história e que nos mostram uma herança feminina importante que temos de cuidar e preservar. Elas estavam e estão em várias áreas como pintura, escultura, poetas, escritoras de contos, romances, dramaturgia, ciências, docência, política, música etc. e que se rebelaram e lutaram por uma causa coletiva comum: emancipação feminina, liberdade, igualdade de direitos. Abaixo trouxemos algumas delas:

- Tarsila do Amaral se destacou na pintura com estilo modernista e por acreditar que sua arte tinha algo a dizer, foi buscar com uma liberdade incomum, seu destino. Seu nome reverbera além das fronteiras de seu país (ABREU, 2016, p.72).

- Djanira Motta e Silva artista que trabalhou com pintura, artesanato, desenho, ilustração e cenografia brasileira. E nas palavras de Mario Pedrosa “Djanira é a terra, que enquanto *mater*, dá e rouba vidas, mas, sobretudo, alça os seres humanos aos sonhos” (GOMES, 2016, p.).

- Margarida Maria Alves foi uma referência na organização das trabalhadoras rurais e que carregou uma história de resistência à ordem do mundo. É protagonista que inspira a Marcha das Margaridas, movimento que luta pelo sonho de uma vida melhor, reivindicando direitos e denunciando o projeto neoliberal que tem deixado a tempos um rastro de fome, pobreza, violência sexista e barbárie. Foi assassinada por enfrentar forças do poder dominante com sua atuação (AGUIAR, 2016).

- Nise da Silveira formada em medicina, foi a única mulher de sua classe nos anos de 1920. Produziu reflexões originais para o estudo psicológico e psiquiatra vinculando a arte à necessidade de expressão dos seres humanos enclausurados na esquizofrenia. Tornou-se referência nos estudos de saúde mental e psiquiatria no Brasil.

- Leila Diniz professora do maternal e jardim de infância, torna-se atriz e divide-se entre o cinema, o teatro e a televisão. Tornou-se símbolo da rebeldia e anseio de liberdade da mulher brasileira, quebrando padrões de

comportamento pré-estabelecidos e revolucionando o modelo tradicional de mulher no Brasil (GODINHO, 2016, p. 20).

Ao longo do texto trouxe fragmentos de poesias de escritoras brasileiras de variadas origens a fim de reafirmar a riqueza do pensamento feminino em nosso Brasil. Espero com isso fortalecer os laços que nos unem e suscitar o reconhecimento da sensibilidade, inteligência, conhecimento e força das mulheres. Não podemos esquecer jamais que nossa contribuição para a sociedade brasileira e demais sociedades pelo mundo foi e é inestimável. Obviamente, muitas e muitas personalidades não foram citadas aqui, e a razão é que são tantas, que é impossível homenageá-las todas em um só texto.

### **A Riqueza Brasileira Expressa pelas Mulheres no Pensar, no Sentir, nos seus Feitos e em suas Militâncias**

A mulher que ouve sua intuição, que percebe os seus sonhos, que ouve a voz interior das velhas e das mulheres guerreiras de sua ancestralidade e que possui o olhar suspeito dos desconfiados, essa sim, é uma ameaça ao predador natural da história e da cultura.

Eliane Potiguara

Eliane Potiguara como primeira escritora indígena no Brasil recebeu em dezembro de 2021 o título “Honoris Causa” da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É Embaixadora Universal pela Paz em Genebra, Suíça. É professora, escritora, poeta, ativista, empreendedora social. Formada em Letras pela UFRJ e extensão em Educação e Meio Ambiente pela UFOP. É contadora de histórias. Participou de vários seminários sobre Direitos Indígenas na ONU, organizações governamentais e Ong’s nacionais e internacionais. Eliane Potiguara foi nomeada uma das “Dez Mulheres do Ano de 1988”, pelo Conselho das Mulheres do Brasil, por ter criado a primeira organização de mulheres indígenas no Brasil: GRUMIN (Grupo Mulher-Educação Indígena), e por ter trabalhado pela Educação e integração da mulher indígena no processo social, político e econômico no país e trabalhado na elaboração da Constituição Brasileira. Publicou sete livros e teve textos publicados em diversos sites, antologias e e-books nacional e internacional. Premiada pelo Pen Club da

Inglaterra e Fundo Livre de Expressão (USA). Autora de “METADE CARA, METADE MÁSCARA”, 3ª edição (POTIGUARA, s/d).

Eliane Potiguara nesta obra fala de como os corpos das mulheres indígenas foram vistos pelo colonizador. Enfatiza que falar de corpos femininos indígenas é tratar da história do Brasil, dos corpos das mulheres no Brasil, da miscigenação e da violência impetrada a esses até nossos dias. Seu trabalho é de extrema relevância para trazer a tradição indígena para a visibilidade e mostrar a importância de seu modo de viver, pensar e sentir que podem sim, transformar as sociedades em um lugar de convivência pacífica em que a felicidade possa ser construída na proporção em que se religa o ser humano às matas e florestas, ao meio ambiente e a toda espécie de vida.

A epígrafe nos chama a atenção por revelar a estreita ligação com os antepassados, o conhecimento ancestral de sensibilidade e intuição, de autoconhecimento que não se pode negligenciar, pois corremos o risco de ser alvo de abate quando se perde o “olhar suspeito dos desconfiados” tão caro para a preservação de nossa existência e dos demais.

Nós vemos as mulheres como começo de tudo, não dá para vir ao mundo se não for através do ventre de uma mulher. Essa relação com a terra está diretamente relacionada. As nossas veias do corpo podem ser comparadas, na natureza, com as raízes, que é onde as árvores se firmam. Se observarmos cada parte do nosso corpo tem algo semelhante com a natureza. Esse jeito de se envolver com a natureza, (...), é muito mais do que uma relação de objetos. Ao lidar com um animal não estamos lidando com um objeto, ao lidar com outra pessoa não estamos lidando com um objeto, estamos lidando com coisas sagradas.

Raquel Kubeo

Raquel Kubeo nos fala dos 520 anos de resistência e luta da mulher indígena pela decolonização. Mulheres são a metade da população indígena e sofrem as violências que todas as demais mulheres passam. Em relatório divulgado pela ONU há cerca de uma década, mulheres indígenas têm mais chance de serem estupradas que outras e, que via de regra, o agressor não é da família nem alguém próximo. Essa violência vem marcada de preconceito, assédio e invisibilidade desse povo e dessas mulheres que lutam incansavelmente pela legalização de suas terras, direito esse garantido constitucionalmente, e recorrentemente violado com anuência do Estado e dos

interesses de grupos poderosos política e economicamente (MARKO; REINHOLZ, 2020).

Raquel Kubeo estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul descende das etnias Tukanos e Kubeo, de linhagem materna, nasceu no Amazonas. Formada em Pedagogia atualmente cursa mestrado em Educação Inclusiva na UFRGS. O sistema de cotas favoreceu o acesso à universidade já que muitas mulheres indígenas em função de trabalho precarizado semelhante à escravidão não conseguem estudar. Fala sobre a dificuldade até recentemente de uma criança indígena ter em seu nome a denominação étnica, como é de sua cultura, pois as leis da sociedade civil não aceitam o nome indígena. A luta indígena se soma as lutas pela educação, saúde, direitos humanos, materialização de direitos conquistados na lei, preservação do meio ambiente, alimentação sem veneno, dentre outras que são pautas coletivas e que abrangem o interesse da sociedade civil, da população nacional. Raquel fala ainda da atuação intensa de mulheres indígenas na universidade como Alice Martins da etnia Guarani e Iracema Nascimento (MARKO; REINHOLZ, 2020).

Ao tratar do machismo observado e vivido em aldeias, Raquel Kubeo diz que é consequência do patriarcado herdado da cultura branca ocidental. Por ocasião do contato entre as culturas branca europeia e a indígena os assuntos diplomáticos, de lideranças, esses eram conversados somente com homens da aldeia. Ensinam para as crianças que os homens são superiores, serão as lideranças e as mulheres são inferiores. No entanto, diz ela que dentro dos territórios indígenas é muito mais forte a atuação das mulheres na resistência, pois mesmo com todo o sofrimento e genocídio conseguem manter essa tradição. O dia da mulher indígena é dia 05 de setembro. O 8 de março é mais um dia de luta e resistência para tornar visível a importância e o valor da mulher, bem como, lutar pela sua dignidade (MARKO; REINHOLZ, 2020).

Ao abdicar da ideia de que faz parte da natureza, o homem urbano perdeu a capacidade de ler os seus sinais. Por isso quase todas as suas tentativas de domesticá-la terminam em destruição. A terra é o espírito e o corpo do indígena; sentimos o que ela sente. [...]. E o planeta está febril, começando a entrar em convulsão.

Sonia Guajajara

Sonia Guajajara é nordestina e indígena e compôs, como vice, a chapa que concorreu à Presidência da República com Guilherme Boulos em 2018. Está à frente da Coordenadoria executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), e é uma das maiores lideranças ambientais do país, unificando mais de 305 povos em torno de pautas que combatem os interesses dos setores mais poderosos da sociedade brasileira. É da etnia Guajajara/Tentehar, e habita a Terra Indígena Arariboia, no Maranhão. Formada em Letras e Enfermagem, fez pós graduação em Educação Especial. Constituiu-se militante indígena desde sua juventude e luta pelas causas referentes ao meio ambiente. É resistência contra projetos que retiram direitos indígenas e ameaçam o meio ambiente.

Em 2010 entregou o prêmio Motosserra de Ouro para a então ministra da agricultura Kátia Abreu em protesto contra as alterações do Código Florestal. Tem voz no Conselho de Direitos Humanos da ONU e recebeu muitos prêmios e honrarias entregues pela ex presidente Dilma Rousseff (PSOL, 2018).

Sônia Guajajara em 2019 publicou um texto em que trata da urgência em se discutir e tomar providências em relação a questão climática, causada pela ação irresponsável do ser humano e sua lógica capitalista de produção e de organização social. Põe em relevo os diagnósticos sombrios da ciência e afirma que “não são definitivos e que ainda há tempo, mas sabemos que o homem urbano, um dos principais agentes da enfermidade, não vai conseguir curá-lo sozinho”. E diz:

Nós, indígenas brasileiras, queremos ajudar. Não lutamos somente para que se cumpra o que determina a Constituição de 1988, mas também por um planeta saudável. Temos a consciência de que pouco adiantaria garantir nosso direito à terra se o resto do mundo fosse devastado.

Queremos cuidar da floresta para todos, porque sabemos de sua importância para a saúde do planeta – e temos o conhecimento necessário para fazer isso. Além das questões humanitária e de Justiça em si, o que acontece com os Wajãpi ou a qualquer outro povo indígena diz respeito a todos.

O movimento de mulheres indígenas cresceu muito nesta década. Pela primeira vez tivemos uma mulher indígena compondo uma chapa presidencial, temos uma indígena no Congresso Nacional, a deputada Joênia Wapichana, e uma mulher, Nara Baré, está à frente da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia (Coiab).

Percebemos que nossa luta não pode ficar restrita ao Brasil. No último Acampamento Terra Livre, realizado em abril, decidimos que em agosto faríamos um encontro de lideranças e ativistas femininas, a Marcha das Mulheres Indígenas. O tema escolhido para o evento foi “Território: nosso corpo, nosso espírito”, pois um dos assuntos centrais será o cuidado com a mãe terra.

O planeta está passando por uma crise sem precedentes e não à toa as mulheres começam a se levantar no mundo inteiro: somos nós quem mais sofremos não só com os efeitos das guerras, da fome, das doenças e a intolerância, mas também das mudanças climáticas. A mitologia Mundurucu fala de um tempo em que as mulheres mandavam. Não queremos mandar, queremos ser ouvidas (GUAJAJARA, 2019).

Márcia Wayna Kambeba pertence a etnia Omágua/Kambeba, nascida na aldeia ticuna, em Belém do Solimões, Amazonas. Por influência de sua avó que era professora e poeta, aos quatorze anos Marcia inicia na escrita de seus primeiros versos.

É poeta e geógrafa graduada pela UEA, especialista em Educação Ambiental e em seguida fez mestrado tratando da cultura do povo Kambeba desde o século XVI até os dias atuais na UFAM. Hoje reside no Pará e tem uma carreira artística com poesias que fala da violência contra os povos indígenas, além dos conflitos gerados pela vida na cidade. Transformou sua dissertação de mestrado em poesia. O poema “Ser Indígena, Ser Omágua” nasceu deste trabalho (KAMBEBA, 2021), que trago a seguir:

#### **Ser Indígena, Ser Omágua**

Sou filha da selva, minha fala é Tupi.  
Trago em meu peito,  
as dores e as alegrias do povo Kambeba  
e na alma, a força de reafirmar a nossa identidade  
que há tempo ficou esquecida,  
diluída na história.  
Mas hoje revivo e resgato  
a chama ancestral de nossa memória.  
Sou Kambeba e existo sim.  
No toque de todos os tambores  
Na força de todos os arcos,  
No sangue derramado que ainda colore  
Essa terra que é nossa.

Marcia Kambeba resgata em seu trabalho:

... a mulher de diversas formas, como escritora, cantora, contadora de história, líder, sábia e guardiã da floresta. Quanto ao feminismo, embora não o enxergue na cultura indígena, acredita que o feminino é muito presente: há um cenário que permite que a mulher, porta-voz

e representante da nação, se apresente de várias formas (KAMBEBA, 2021).

Esta consciência coletiva e de ligação entre tudo e todos é necessária e a única capaz de transformar radicalmente as condições de existência de milhões de pessoas pelo mundo, bem como, reverter as graves degradações a que o meio ambiente sofreu há séculos até hoje.

**Vozes de mulheres**

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio  
ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos – donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas e caladas.

A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato  
a ordem – o hoje – o agora.

Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida – liberdade.

Conceição Evaristo  
Poemas da recordação e outros movimentos (2008).

Conceição Evaristo nascida em Belo Horizonte teve sua infância e adolescência marcada pela miséria, tendo vivido neste período na favela

denominada de Pindura Saia da capital mineira. Graduada em letras pela UFRJ. Em 1990 teve alguns poemas incluídos na Coletânea Cadernos Negros volume 13 divulgando seu trabalho de produção afro-brasileira em forma de poesia e prosa. Mestre pela PUC do Rio de Janeiro em 1996 e Doutora em Literatura Comparada pela UFF em 2011. Teve alguns textos traduzidos para o inglês e francês e em 2018 recebeu o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais (BRANDINO, s/d).

É uma autora de referência importante da literatura brasileira contemporânea. Foi premiada com o prêmio Jabuti nos anos de 2015 e 2019 respectivamente. Trabalhou como professora na rede pública no Rio de Janeiro. É romancista, poeta e contista. A matéria prima de suas obras trata da vivência das mulheres negras trazendo profundas reflexões sobre a desigualdade racial brasileira. Suas obras denunciam opressões e violações raciais e de gênero e busca resgatar a ancestralidade da raça negra apagada pela colonização e escravização do povo negro (BRANDINO, s/d).

A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estomago.

Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus uma das mais destacadas escritoras negras brasileiras nasceu em Sacramento, Minas Gerais. Filha de uma mulher analfabeta que trabalhava como lavadeira e neta de negros escravizados. Em sua família tinha mais sete irmãos. Com o incentivo de uma cliente de sua mãe, Carolina foi para a escola, frequentando somente dois anos. Mesmo com o pouco tempo de escola passou a gostar de ler e de escrever.

Em 1930 mudou-se para Franca onde trabalhou na lavoura e depois como empregada doméstica. Quando tinha 23 anos sua mãe faleceu e ela decide ir para a capital de São Paulo trabalhando como faxineira e, posteriormente, como doméstica. Foi morar na favela do Canindé e teve três filhos de relacionamentos distintos. Como moradora da favela a noite catava papel e quando encontrava revistas as recolhia e lia. Desenvolveu o hábito de escrever o que vivia diariamente. Passou a sonhar em ser escritora. E assim, certa vez foi até a Redação do Jornal Folha da Manhã com um poema

dedicado à Getúlio Vargas. Em seguida seu poema e sua fotografia são publicados no jornal. Em 1958 Audálio Dantas designado pelo Jornal Folha da Noite para fazer uma matéria sobre a favela do Canindé, visita a casa de Carolina e fica encantado com a história de Carolina. Em 1960 foi publicado o seu primeiro livro Quarto de Despejo: Diário de uma favelada editado pelo jornalista Audálio. Seu livro teve muito sucesso permitindo que Carolina saísse da favela. Seguem-se mais três publicações, posteriormente. No entanto, mesmo com o sucesso de seu primeiro livro, a escritora retorna à condição de catadora de papel, voltando a morar na favela. Sua postura e suas obras denunciaram o descaso político com as pessoas em situação vulnerável na sociedade brasileira (LITERAFRO, 2021).

Minha luta diária é para ser reconhecida como sujeito, impor minha existência numa sociedade que insiste em negá-la.

Djamila Ribeiro

A gente luta por uma sociedade em que mulheres possam ser consideradas pessoas, que elas não sejam violentadas pelo fato de serem mulheres.

Djamila Ribeiro

Djamila Taís Ribeiro dos Santos é filósofa, ativista social, professora e escritora e uma voz militante de importância singular na sociedade brasileira contemporânea. O movimento feminista entrou na vida da filósofa aos 19 anos, quando conheceu a ONG Casa de Cultura da Mulher Negra, em Santos, onde trabalhou por cerca de quatro anos. Lá teve contato com obras de feministas e de mulheres negras e passou a estudar temas relacionados a gênero e raça. Graduiu-se em Filosofia pela Unifesp, em 2012, e tornou-se mestre em Filosofia Política na mesma instituição, em 2015, com ênfase em teoria feminista. Em 2005, interrompeu uma graduação em Jornalismo. Suas principais atuações são nos seguintes temas: relações raciais e de gênero e feminismo (ABREU, 2019).

É colunista *online* da Carta Capital, Blogueiras Negras e Revista Azmina e possui forte presença no ambiente digital, pois acredita que é importante apropriar a internet como uma ferramenta na militância das mulheres negras, já que, segundo Djamila, a “mídia hegemônica” costuma invisibilizá-las (ABREU, 2019).

Foi nomeada secretária-adjunta de Direitos Humanos e Cidadania da cidade de São Paulo durante a gestão do prefeito Fernando Haddad. Prefaciou o livro “Mulheres, raça e classe” da filósofa negra e feminista Ângela Davis, obra inédita no Brasil traduzida e lançada em setembro de 2015. Dentre os livros que escreveu estão “O que é um lugar de fala?” em que aborda a urgência da quebra dos silêncios instituídos, trazendo também ao conhecimento do público produções intelectuais de mulheres negras ao longo da história. Outra obra sua foi intitulada “Quem tem medo do feminismo negro?” (ABREU, 2019).

Com coragem denuncia o racismo, a desigualdade e a violência recorrente contra negros e mulheres. Sua obra “Pequeno manual antirracista” trata do racismo estrutural nesta sociedade e ganhou o Prêmio Jabuti. Analisa a atuação do Poder Judiciário e diz que este reafirma a tendenciosidade de julgar, pois não conseguiu a imparcialidade necessária quando atua, pois condena jovens negros sem provas, cumprindo uma agenda de encarceramento em massa dos indesejáveis. Propõe que sejam repensadas as formações dadas aos policiais militares, uma vez que para atuar junto a sociedade civil, estas não podem coincidir com o treinamento bélico. É uma grande referência no feminismo negro decolonial.

Preta  
Mulher bonita é a que vai à luta!  
Quem tem opinião própria e não se assusta.  
Quando a milésima pessoa  
aponta para o seu cabelo e ri dizendo  
que ele está “em pé”.  
E a ignorância dessa coitada não a permite ver...  
Em pé, armado.  
Foda-se! Que seja!  
Para mim é imponência!  
Porque cabelo de negro não é só resistente,  
É resistência.

Mel Duarte  
(trecho do poema “Menina Melanina”)

Mel Duarte nasceu em São Paulo em 1988 é escritora, slammer<sup>6</sup> e produtora cultural. Aos oito anos de idade iniciou sua atuação no mundo literário participando de saraus em sua cidade no ano de 2006. É graduada em Comunicação Social e já atuou na área antes de se dedicar completamente à vida de escritora. (LITERAFRO, s/d).

Publicou em 2013 seu primeiro livro Fragmentos Dispersos. Em 2016 lança a obra “Negra Nua e Crua” que é leitura indicada do Portal Literafro. Venceu o Campeonato Internacional de Poesia o Rio Poetry Slam que integra a FLU – Festa Literária das Periferias no Rio de Janeiro. Foi convidada em 2017 a representar a literatura Luso-Afro-Brasileira – Festilab Taag em Luanda, Angola. Seu livro “Negra, Nua e Crua” teve tiragem em Espanhol. Mel Duarte é uma das organizadoras da edição paulista do “Slam das Minas” voltado ao gênero feminino. Integrou o coletivo “Poetas Ambulantes”, que distribui e declama poesias nos transportes públicos (LITERAFRO, s/d).

Não te deixes destruir...  
Ajuntando novas pedras e construindo novos poemas  
Recria tua vida, sempre, sempre.  
Remove pedras e planta roseiras e faz doces.  
Recomeça.  
Faz de tua vida mesquinha um poema.  
e viverás no coração dos jovens  
e na memória das gerações que hão de vir.  
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.

Toma a tua parte.  
Vem a estas páginas  
E não entres seu uso  
Aos que têm sede.

Cora Coralina

Cora Coralina (1889-1985) iniciou a escrita de poemas e contos quando de seus 14 anos e os publicou em 1908 no Jornal de poemas “A Rosa” criado com algumas amigas. O seu conto “Tragédia da Roça” foi publicado no “Anuário Histórico e Geográfico do Estado de Goiás, quando usou o

---

<sup>6</sup> Slammer - nome que se dá a quem participa dos “poetry slams”, ou, em português, batalhas de poesia. ... — No slam, você fala o seu poema e recebe uma pontuação, depois tem uma votação que decide se você ganhou ou não

pseudônimo de Cora Coralina. Em 1911 foi morar com o seu marido em Jaboticabal, interior de São Paulo. Em 1922 teve o convite para participar da Semana de Arte Moderna, mas foi impedida por seu esposo. Após a morte dele em 1934 tornou-se doceira para sustentar seus quatro filhos. No entanto, não parou de escrever. Em 1934, em São Paulo tornou-se vendedora de livros. Em 1936, morando em Andradina, São Paulo escreve para o jornal da cidade. Em 1951 candidatou-se a vereadora. Em 1959 já com 70 anos foi aprender datilografia para preparar suas poesias e entregar aos editores. Em 1965 conseguiu publicar seu primeiro livro “O Poema dos Becos de Goiás e Estórias Mais”. Em 1970 tomou posse na cadeira n. 5 da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás. Em 1976 lançou seu segundo livro “Meu Livro de Cordel”. Ao receber elogios do poeta Carlos Drummond de Andrade em 1980 o interesse do grande público desperta para seus trabalhos. Foi agraciada com o título Doutor Honoris Causa pela UFG (FRAZÃO, s/d).

Suas obras são marcadas pela poética do cotidiano e pela singeleza das coisas pequenas (FUKS, s/d).

Dilma Rousseff (1947) nascida em Belo Horizonte (MG) desde adolescente interessou-se pelos ideais socialistas e trazia indignação a respeito da desigualdade e das injustiças históricas que ocorrem cotidianamente no país. Lutou intensamente contra a Ditadura Militar tendo sido presa e sofreu tortura. Em 1977 formou-se em economia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Entrou na política no estado do RS filiando-se ao PDT. Foi Secretária da Fazenda do Governo Municipal de Porto Alegre entre os anos 1985 e 1988. No início dos anos 1990 atuou como presidente da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul.

Em 1993 tornou-se secretária de Energia, Minas e Comunicações do Rio Grande do Sul, no governo de Alceu Colares. De 1999 a 2002, foi Secretária de Minas e Energia do governo daquele estado. Em 2001, filiou-se ao Partido dos Trabalhadores (PT), quando esse era presidido por Luís Inácio Lula da Silva e Foi uma das mentoras do plano de governo. Atou como ministra de Minas e Energia na gestão presidencial do PT até 2005. (FRAZÃO, s/d). É a primeira mulher a ocupar o cargo de Presidente da República em 2010 e foi reeleita em 2014. Em 2016 o Brasil sofreu mais um golpe de Estado, pois alegaram as

elites conservadoras que a presidente teria cometido irregularidades. No entanto, os movimentos políticos que decorreram deste impeachment e a depredação nacional nos revelam de forma intensa que mais uma vez o país foi vitimado por forças colonizadas externas, que visam se apropriar das riquezas nacionais, aumentando a pobreza do povo brasileiro.

Minha mãe achava estudo a coisa mais fina do mundo.  
Não é.  
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.  
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão, ela falou comigo:  
- Coitado, até essa hora no serviço pesado!  
Arrumou pão e café, deixou tachô no fogo com água quente.  
Não me falou em amor, essa palavra de luxo.

Adélia Prado

Adélia Prado (1935) nascida em Divinópolis (MG) e em 1953 formou-se professora. Posteriormente graduou-se em Filosofia em 1973. Seus primeiros poemas foram publicados no Jornal de Divinópolis e de Belo Horizonte. Em 1975 enviou os originais de seus novos poemas para o crítico literário Affonso Romano de Sant'Anna, que entregou a Carlos Drummond de Andrade para sua apreciação. Encantado com o trabalho Drummond o enviou para a Editora Imago. Naquele mesmo ano foi publicado o livro "Bagagem" com seus poemas. Em 1978 conquista o Prêmio Jabuti com a publicação de "Coração Disparado". Passou a se dedicar em 1979 somente a sua carreira como escritora publicando em prosa: "Solte os Cachorros" (1979) e "Cacos Para Um Vitral" em 1980. Neste mesmo ano dirigiu o grupo teatral amador "Cara e Coragem" na montagem da peça "O Auto da Compadecida" de Ariano Suassuna. Em 1981, dirigiu a peça "A Invasão", de Dias Gomes, e voltou à poesia com "A Terra de Santa Cruz". Ainda em 1981 foi apresentado no Departamento de Literatura Comparada da Universidade de Princeton o primeiro de uma série de estudos sobre a obra de Adélia Prado (FRAZÃO, s/d).

Entre 1983 e 1988. Adélia exerceu a função de Chefe da Divisão Cultural da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Divinópolis. Em 1985, Adélia participou, em Portugal, de um programa de intercâmbio cultural entre autores brasileiros e portugueses. Em 1988 apresentou-se em Nova York na Semana Brasileira de Poesia, promovida pelo Comitê Internacional pela Poesia. Em 1993, Adélia voltou para Secretaria Municipal de Educação e Cultura de

Divinópolis. Estreou em teatros do SESC em Belo Horizonte, São Paulo e no Rio de Janeiro. As características de sua obra são linguagem direta, despojada que recria as preocupações e a vida do interior mineiro. Foi consagrada a voz mais feminina da poesia brasileira (FRAZÃO, s/d).

Chiquinha Gonzaga (1847-1935) foi compositora, pianista e maestrina. Filha de militar, sua mãe era mestiça e seus avós foram escravizados. Teve acesso à educação de qualidade e desde criança era fascinada por música. Casou-se duas vezes, no primeiro teve três filhos e no segundo teve um filho. Os casamentos não deram certo, mas realizou seu sonho que era viver de música. Viajou pelo Brasil, compôs e deu aulas de piano. A famosa marchinha de carnaval “Ô Abre Alas que eu quero passar” é de sua autoria. Dentre as suas obras estão: Lua Branca; Catita; Flor de Espuma; Sultana. Sua personalidade era de pessoa bem decidida e que sabia tanto o que queria como o que não queria. Impressiona ainda hoje pela delicadeza de suas obras e por sua originalidade.

### **Sonhe**

Seja o que você quer ser,  
Porque você possui apenas uma vida  
e nela só tem uma chance  
de fazer aquilo que quer.

[...]

Clarice Lispector

Clarice Lispector (1925-1977) nascida na Ucrânia, naturalizou-se brasileira, formou-se em Direito, escreveu romance, contos e poemas. Considerada um dos maiores nomes da literatura brasileira. Descendente de judeus, estudou e falou vários idiomas como português, francês, hebraico e iídiche, estudou piano. Com a morte de seu pai em 1940 começou sua carreira de jornalista. Nos anos seguintes trabalha como redatora e repórter na Agência Nacional, no Correio da Manhã e no Diário da noite. Em 1943 casou-se com um diplomata. Viveu em vários países. Recebeu vários prêmios dentre eles o Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal e o Prêmio Graça Aranha. Dentre suas obras encontramos: Perto do Coração Selvagem (1942); O Lustre (1946); A Cidade Sitiada (1949); Laços de Família (1960); A Maçã no Escuro

(1961); A Legião Estrangeira (1964); A Paixão Segundo G.H. (1964); O Mistério do Coelho Pensante (1967).

## **Considerações Finais**

Somos muitas e estamos em todos os lugares, umas se projetaram e ganharam visibilidade na arena social, outras tantas contribuíram e contribuem com a dinâmica do mundo, atuando incansavelmente no cotidiano, na invisibilidade da vida pública, mas suas ações, suas presenças oferecem outros contornos por onde passam. Em toda a história da humanidade, mulheres de todas as classes sociais lutaram contra as opressões de seu tempo, reivindicaram direitos, morreram assassinadas por esta ousadia reivindicatória, porém seu legado nos inspira até hoje a continuar defendendo relações equitativas, de respeito, solidárias para que seja possível a construção de um mundo verdadeiramente democrático em que possamos todas e todos sermos felizes. Todas nós trazemos a marca da resistência em nossas histórias, inspiradas pelo sonho de liberdade, equidade, emancipação, solidariedade, felicidade e realização plena em nossas vidas.

## **Referências**

ABREU, Laura. Le Monteau Rouge. O autorretrato de Tarsila. In: ASSIS, Maria Elisabete Arruda de; SANTOS, Taís Valente dos (orgs.). Memória Feminina: mulheres na história, história das mulheres. Recife. Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2016. pp. 67-73.

ABREU, Carolina. Mulheres na Ciência: O Futuro é Feminino. Disponível em: <https://mulheresnaciencia.com.br/mulheres-em-todas-as-cores-djamila-ribeiro/> Acesso fev.2022.

AGUIAR, Vilenia V.P. Margaridas seguem em marcha... In: ASSIS, Maria Elisabete Arruda de; SANTOS, Taís Valente dos (orgs.). Memória Feminina: mulheres na história, história das mulheres. Recife. Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2016, pp. 111-119.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. Coordenação Djamila Ribeiro. São Paulo: Pólen, 2019. Coleção Femininos Plurais.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA; FRASER, NANCY. Feminismo para os 99%: Um Manifesto. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

ASSIS, Maria Elisabete Arruda de; SANTOS, Taís Valente dos (orgs.). Memória Feminina: mulheres na história, história das mulheres. Recife. Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2016. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/03/Mem%C3%B3ria-feminina-mulheres-na-hist%C3%B3ria-hist%C3%B3ria-de-mulheres.pdf> Acesso em abr. 2021.

BARBI, Ana Paula; AVERBUCK, Clara; MESSIAS, Mary. Lugar de Mulher É Onde Ela Quiser. E-book. 2015.

BOUTELDJA, Houria. Raça, classe e gênero: uma nova divindade de três cabeças. Cadernos de Gênero e Diversidade, v. 2, n. 2, p. 8, 2016. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/20686> Acesso em set. 2021.

BRANDINO, Luiza. Conceição Evaristo. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/conceicao-evaristo.htm>. Acesso em 24 de fevereiro de 2022.

CERQUEIRA, Daniel (et. al). Atlas da Violência. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf> Acesso em fev. 2022.

DAVIS, Ângela. Mulheres, cultura e política. São Paulo: Boitempo 2017.

DIANA, Daniela. Vida e Obra de Clarice Lispector. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/vida-e-obra-de-clarice-lispector/> Acesso fev.2022.

DIREITOS DAS MULHERES O QUE SÃO E COMO SURGIRAM. Projeto Equidade. Parceria entre o Politize e o Instituto Mattos Filho. Youtube. 9:55s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wQHeL2hHe7g> Acesso em fev. 2022.

FRAZÃO, Dilva. Adélia Prado, escritora brasileira. Biografia. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/adelia\\_prado/#:~:text=Ad%C3%A9lia%20Prado%20nasceu%20em%20Divin%C3%B3polis,m%C3%A3e%2C%20escreveu%20seus%20primeiros%20versos.](https://www.ebiografia.com/adelia_prado/#:~:text=Ad%C3%A9lia%20Prado%20nasceu%20em%20Divin%C3%B3polis,m%C3%A3e%2C%20escreveu%20seus%20primeiros%20versos.) Acesso fev. 2022.

FRAZÃO, Dilva. Dilma Rousseff, economista e política brasileira. Biografia. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/dilma\\_rousseff/](https://www.ebiografia.com/dilma_rousseff/) Acesso em fev. 2022.

FRAZÃO, Dilva. Cora Coralina, escritora. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/cora\\_coralina/](https://www.ebiografia.com/cora_coralina/) Acesso fev.2022.

FUKS, Rebeca. As 17 mulheres brasileiras que mais influenciaram nosso país. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/mulheres\\_brasileiras\\_importantes/](https://www.ebiografia.com/mulheres_brasileiras_importantes/) Acesso em jan.2022.

GOMES, Daniela Matera Lins. Djanira: cronista de ritos, pintora de costumes. In: ASSIS, Maria Elisabete Arruda de; SANTOS, Taís Valente dos (orgs.). Memória Feminina: mulheres na história, história das mulheres. Recife. Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2016. pp. 27-33.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod\\_resource/content/1/Por%20Um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20Um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf) Acesso em fev. 2022.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. São Paulo Zahar Editora, 2020.

KAMBEBA, Marcia Wayna. Mulheres de Luta. 2021. Disponível em: <https://www.mulheresdeluta.com.br/marcia-wayna-kambeba/> Acesso em 24 fev. 2022.

LITERAFRO. O Portal da Literatura Afro-Brasileira. Carolina Maria de Jesus. 2021. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus> Acesso fev. 2022.

LITERAFRO. O Portal da Literatura Afro-Brasileira. Mel Duarte. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/1217-mel-duarte> Acesso fev.2022.

MARKO, Katia; Fabiana REINHOLZ. Entrevista com Raquel Kubeo. Mulheres Indígenas: 520 anos de resistência e luta pela descolonização. Porto Alegre. Brasil de Fato, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2020/03/20/mulheres-indigenas-520-anos-de-resistencia-e-luta-pela-descolonizacao> Acesso em 24 fev. 2022.

MARCELLO, Carolina. 12 escritoras negras que você precisa ler. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/escritoras-negras/> Acesso em 24 fev. 2022.

PEDRO, Joana Maria. Lugar de Mulher é onde ela quiser: Sem Limites. Entrevista de Joana Maria Pedro a Marina Lemle. *Blog de História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 2018.

POTIGUARA, Eliane. Literatura Indígena: um pensamento brasileiro. Disponível em: <http://www.elianepotiguara.org.br/> s/d.

PSOL. Socialismo e Liberdade. Conheça Sônia Guajajara, primeira indígena em uma pré-candidatura presidencial. 2018. Disponível em:

<https://psol50.org.br/conheca-sonia-guajajara-primeira-indigena-em-uma-pre-candidatura-presidencial/>

RIBEIRO, Djamila. O que é: Lugar de Fala? Belo Horizonte - MG: Letramento: Justificando, 2017. Coleção Feminismos Plurais.

TEIXEIRA, Analba Brazão; SILVA, Ariana Mara da; FIGUEIREDO, Ângela. Um diálogo decolonial na cidade de Cachoeira/BA Entrevista com Ochy Curiel. Cadernos de Gênero e Diversidade, v. 3. n. 4, p. 106-120, dez. 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgenvid/article/view/24674/15431>

**CAPÍTULO V - MULHERES, VALENTES E EDUCADORAS (SIDINEIA DE ARAÚJO; LIZANGELA BEHMER; WANDA CRISTINA COSTA DE DEUS; DAIANE NASCIMENTO DA SILVA LIMA; ROSILDA VON RANDOW VIEIRA MESQUITA)**

## MULHERES, VALENTES E EDUCADORAS

Sidineia de Araújo<sup>7</sup>  
Lizangela Behmer<sup>8</sup>  
Wanda Cristina Costa de Deus<sup>9</sup>  
Daiane Nascimento da Silva Lima<sup>10</sup>  
Rosilda Von Randow Vieira Mesquita<sup>11</sup>

O dia 8 de março é celebrado como o Dia Internacional da Mulher, representando a luta das mulheres dentre outros apoiadores, e que ao longo do século XX e até o momento, têm sido manifestadas por meio de ações sociais, greves, comitês e mobilização política.

O dia 25 de março de 1911 ficou marcado na história com um incêndio na Triangle Shirtwaist Company em Nova York, o qual vitimou 146 pessoas, 125 mulheres e 21 homens, sendo a maioria dos mortos judeus, e, este fato acabou motivando a escolha desta data para se comemorar a luta e as causas travadas por mulheres em todo o mundo, que buscam condições profissionais equiparadas às dos homens.

Porém, como toda luta, há os reveses, e, ao longo da mesma muitas causas foram inseridas ou outras lutas pegaram carona numa causa tão nobre. Nada de assustador ou estranho, pois, afinal como mulheres, estamos acostumadas a cuidar de todos, inclusive dos homens.

A luta pela oportunidade de tornarem-se profissionais de educação foi árdua, assim como tem sido a luta pelo reconhecimento que ainda não se deu em todos os âmbitos. Como educadoras, as mulheres travaram também uma grande luta para serem aceitas e reconhecidas. Antes, era uma profissão apenas masculina e pouco se viam professoras. Mas, já no século passado,

---

<sup>7</sup> sidineianohan@gmail.com

<sup>8</sup> lizangelabehmer@hotmail.com

<sup>9</sup> wanda-cris@hotmail.com

<sup>10</sup> dane\_pva@hotmail.com

<sup>11</sup> rosirandow@hotmail.com

viu-se esta profissão tornar-se quase que exclusivamente feminina, principalmente tratando-se de pedagogas.

Contudo, a realidade hoje é muito melhor, e não apenas professoras, como também, médicas, atletas, pilotas, caminhoneiras, artistas, enfermeiras, militares, políticas, e em todas as demais áreas, as mulheres conquistaram seu espaço e se mostram cada vez mais competentes e merecedoras de valorização e reconhecimento tanto profissional como pessoal.

Às mulheres educadoras deve-se celebrar, homenagear e brindar este dia. Pois, mesmo com desafios e lutas não deixaram, em sua maioria de serem esposa, mães, e muitas seguem suas conquistas sozinhas. À todas que deixam qualquer lugar mais feminino, qualquer momento mais alegre, qualquer tarefa mais fácil e qualquer dor mais suportável, devemos ser gratos, por sua força e coragem todos os dias.

Às mulheres de nossas vidas devemos oferecer nossa gratidão, nosso apreço. Devemos propagar seus grandes feitos por seus alunos, sua comunidade, sua cidade e seu país. Bem como, devemos enaltecê-las por simples e grandes atos no seio familiar, sua doação diária de tempo, de si mesma e de seus desejos mais ocultos.

Graças às mulheres, educadoras e amantes da educação, por seu esforço no ensino, sua dedicação nas tarefas, no conteúdo ensinado, no aluno especial, na atividade complicada, na pandemia que quase atrapalhou tudo, que mesmo doentes e em situações limitadas, continuaram e não se esmoreceram. Graças ao sexo frágil, que nada tem de frágil, mas, sempre se mostram valentes.

Os desafios de ser professora ou educadora, muitos, ainda existem. Mas, de forma bem mais amena e fáceis de enfrentar. As recompensas sempre existiram e existirão. O desejo de crescer e melhorar, sempre estão presentes e motivam a continuar enfrentando os desafios. A recompensa maior: o aprendizado, as conquistas que vemos em cada um daqueles aos quais um dia pudemos instruir e ensinar.

Mulheres que decidiram dedicar além de seus afazeres e responsabilidades; além de suas próprias vidas e suas casas; aos outros resolveram ensinar, contribuir em sua formação humana e profissional,

dedicando-se em sua base educacional, à sua infância e melhor fase de vida, à sua educação.

Benditas sejam, todas que investem seu tempo ao bom aluno e ao que por motivos diversos torna-se não tão exemplar; ao que com facilidade aprende, mas, também ao que com dificuldades consegue finalizar as tarefas, o bimestre e o ano escolar. Benditas sejam àquelas que tratam de forma especial aqueles que são especiais e que chegam com medo de serem tratados como empecilhos.

Bem aventuradas sejam todas que fazem da escola uma segunda casa, com cuidado, aconchego e felicidade. Todas que além do sistema não se esquecem de seu instinto maternal e sempre dão aquele retorno fraterno. Que seguram a mão, dão o abraço, mandam beijo mesmo no isolamento social e na aula gravada. Ensinar a ler, mas, também a fazer preces e a confiar em dias melhores.

Sejam todas reconhecidas e conhecidas em sua missão, a mais nobre das profissões. Sejam amadas e respeitadas em suas dificuldades e limitações. Sejam todas as mulheres educadoras e professoras reconhecidas em sua bravura, coragem e altruísmo como Helley de Abreu. Assim como muitas outras mulheres em toda a história humana, sejamos todas valentes e guerreiras, mulheres e educadoras!

**CAPÍTULO VI - O BARULHO DO SILÊNCIO: RELACIONAMENTO  
ABUSIVO EM UMA COMUNIDADE RURAL (JÉSSICA DE JESUS  
SANTANA)**

## **O BARULHO DO SILÊNCIO: RELACIONAMENTO ABUSIVO EM UMA COMUNIDADE RURAL**

Jéssica de Jesus Santana

### **RESUMO:**

A violência doméstica é hoje um dos mais graves problemas da sociedade, algo que anteriormente era guardado a segredo de sete chaves, hoje tem se tornado algo comum, exposto trivialmente na vida dos casais. violência nos relacionamentos é uma questão de saúde, um fenômeno que implica sobre o quadro da saúde mental e físico dos indivíduos, desafia os saberes hegemônicos no campo da Saúde Pública, no campo social, de organização administrativa, de planejamento e atendimento às vítimas de violência e de detecção da situação da violência. É um problema que requer atuação interdisciplinar dos vários setores da sociedade civil e das organizações governamentais. Apesar da mídia mundial denunciar o problema da violência doméstica contra a mulher, este tem crescido significativamente nos grandes e pequenos centros, e tem se apresentado como o novo “normal” durante essa pandemia que se vive. Não respeita fronteiras de classe social, raça, etnia, religião, idade e grau de escolaridade e é das mais praticadas e menos reconhecidas em todo o mundo. Muito tem se debatido sobre relações abusivas e o impacto que ela causa na vida dos indivíduos que são submetidos a essa condição, histórias de violência doméstica são noticiadas frequentemente nas mídias, assim como é assunto recorrente em conversas corriqueiras entre amigos e familiares e tema periódico em jornais, novelas e também em programas de entretenimento. Como foi dito, é um dos mais importantes debates sociais contemporâneos, um esclarecimento de questão social que vem desafiando a justiça e os profissionais que dão cumprimento a política de proteção às mulheres vítimas de violência doméstica. Assim sendo, estudos como estes são de extrema importância para mostrar a necessidade de se romper os estigmas sobre a vítima e atendê-la de forma digna e humanizada, capacitando aos leitores anular ditados populares como, “mulher apanha porque gosta”, “em briga de marido e mulher não se mete a colher” e identificar diferentes motivos da permanência da mulher num relacionamento abusivo. Como efeito do novo posicionamento da mulher diante a sociedade e à ela mesma, provocado pela maior transparência nas relações interpessoais, movimentos públicos e políticos, rede de apoio às vítimas e a própria manifestação destas sobre as violências que sofrem, aqui nominamos este grande passo de “O Barulho do silêncio”, no qual as vítimas tomam fôlego, força e voz, para dar um basta a estes relacionamentos abusivos. Com o intuito de se tornarem mulheres empoderadas por si mesmas e para si mesmas.

### **1-Introdução**

A violência doméstica é hoje um dos mais graves problemas apresentados pela sociedade “moderna”. Algo que anteriormente era guardado a segredo de sete chaves, hoje tem se tornado algo comum, exposto como um tanto corriqueiro na vida dos casais.

Segundo Paiva & Figueiredo (2003) o relacionamento abusivo é caracterizado pela repetição significativa de atos de violência. Não é um tema “novo”, e remete a muitos anos de uma história de opressões de gênero e de sexualidade, em especial às mulheres. O abuso no relacionamento íntimo tem efeitos danosos na qualidade de vida, na saúde mental e física da vítima.

No âmbito do relacionamento abusivo, está presente a violência doméstica, a qual acontece entre casais, seja casais heteroafetivos ou homoafetivos. Podendo se manifestar desde intimidações, desqualificação do parceiro, fazendo o que a pessoa sinte-se mal consigo mesmo.

Em um segundo momento esse episódio pode se transformar em algo mais grave, onde empurrões, bofetadas, estrangulamentos, relações sexuais forçadas, ameaças portando arma branca, bem como arma de fogo, são sinais que este relacionamento abusivo já se encontra em estágio muito avançado, no qual muitas vezes é acarretado por feminicídio (HRIGOYEN, 2006).

E além de destruir milhares de vidas, a violência contra as mulheres provoca danos físicos, depressão e comportamentos suicidas (BALONE, ORTOLANI IV, 2003). Esse acontecimento alcança mulheres de diferentes classes sociais, origens, regiões, estados civis, escolaridades, raças, orientações sexuais e idades (BRASIL, 2011).

Segundo Pazo e Aguiar (2012), muitas mulheres deixam de denunciar por apresentarem a percepção de que a autonomia de sua vida não lhes pertence mais, além disso algumas acreditam serem culpadas pela violência sofrida e outras mulheres sequer notam a violência.

A ideia de pesquisar sobre o tema em questão veio a surgir quando em conversas informais com familiares, amigos, notou-se que muitos casais em uma comunidade rural passam por esse processo ou passaram e não tiveram força, apoio, para se desvencilhar desse relacionamento abusivo. Muitos casais ainda acreditam ser algo normal de uma conjugal.

Mais alguns desses indivíduos relatam como estão psicologicamente abalados com essa situação e não tem coragem de expor a circunstância, por vergonha dos julgamentos e acabam permanecendo nos relacionamentos.

A pesquisa se delimitará em uma comunidade rural, localizada á 16 km do Município de Tangará da Serra/MT. Observará depoimentos de mulheres e

homens que passaram ou passam por relacionamento abusivo e identificar pelos depoimentos as marcas psicológicas deixadas por esse procedimento conjugal.

## **2- Objetivos**

Santos (2014), salienta que a violência contra a mulher é um fator de preocupação com a saúde. Além de danos físicos e psicológicos a curto prazo, dependendo do tipo de violência sofrida, pode-se aumentar substancialmente o risco de ocasionar graves problemas de saúde a longo prazo (depressão, dores crônicas, ansiedade, fobias e etc.).

Logo, como objetivo geral desta pesquisa pretende-se explorar os casos de relacionamentos abusivos na comunidade e real motivo dos indivíduos em permanecer nessa relação conflituosa. Bem como analisar as marcas psicológicas que este tipo de relacionamento acarreta as pessoas que se propõem em permanecer ou sair dessa relação.

Como objetivos específicos, a pesquisa buscará identificar os personagens do relacionamento abusivo, descrever as marcas psicológicas deixadas por esses relacionamentos, mostrar através de relatos as histórias desses indivíduos nessa comunidade. Verificar o real motivo que essas pessoas veem em permanecer nessas relações.

## **3- Justificativa**

A violência nos relacionamentos é uma questão de saúde, já que seus efeitos na saúde física e mental das pessoas envolvidas não pode ser ignorada. Interessa-nos aqui, sobretudo o abuso no relacionamento íntimo como um fenômeno que implica sobre o quadro da saúde mental dos indivíduos. Entre as consequências psicológicas mais graves do abuso estão o estresse pós-traumático, a queda na autoestima e a ideação suicida, todos prevalentes no sexo feminino (CARIDADE & MACHADO, 2006).

De modo geral, os dados específicos sobre a violência nos relacionamentos abusivos e a sua prevenção são ainda mais escassos.

#### **4- Revisão Teórica**

Essa temática reafirma a proeminência em se pesquisar e trazer fulgor dos fatos a estruturação sócio-histórica e científica da violência sofrida pelas mulheres dentro de relacionamentos íntimos.

Como consequência do novo posicionamento da mulher diante a sociedade e ela mesma, provocado pela maior transparência nas relações interpessoais, movimentos públicos e políticos, rede de apoio às vítimas e a própria manifestação destas sobre as violências que sofrem, nominamos este grande passo de “O Barulho do silêncio”, no qual as vítimas tomam flego, força e voz, para dar um basta a estes relacionamentos abusivos. Com o intuito de se tornarem mulheres empoderadas por si mesmas e para si mesmas.

Gelles (1988) aponta que os estudos sobre a violência nos relacionamentos íntimos passaram a existir como uma tentativa de encontrar subsídios para o entendimento das relações entre os gêneros.

O relacionamento abusivo é permeado pelo excesso de controle que um parceiro tenta exercer ou cumprir sobre o outro. Esse movimento pode fazer com que um parceiro se torne refém do outro por meio de um monitoramento que é constante, justificado pela ideia alterada de cuidado e por brigas causadas em diversas situações do dia-a-dia.

A violência psicológica é talvez a mais frequente de todas. Aparece da seguinte maneira no inciso II do Art. 7º da Lei número 11.340 - Lei Maria da Penha (Brasil, 2006):

II – À violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação. (BRASIL, 2006).

Visivelmente a vitimação das mulheres na intimidade tem recebido menor atenção por parte da comunidade científica. Isso sobrevém devido a dificuldade de definir o que seria a violência nessas relações, a dificuldade de acesso dos investigadores a esta população e a inexistência de um estatuto legal acerca da violência fora dos contextos conjugais.

O abuso presente nas relações afetivas é muitas vezes silencioso e contribui para a desqualificação do outro e para o estágio de um domínio que afeta a habilidade de reação e decisão da pessoa agredida por atingir diretamente sua autoestima e seu senso de autovalorização (LEVY, GOMES, 2008).

Nessa pesquisa, entende-se que não se pode tratar as experiências humanas a partir de uma generalização, portanto, vale deixar claro que nem todas as pessoas vivenciam o ciclo de Relacionamento Abusivo da maneira descrita na literatura, antes, cada vivência é modificada de acordo com as vivências histórico-culturais de cada casal.

As vítimas de violência tendem a sentir-se sozinhas, assustadas, envergonhadas, culpadas, desconfiadas, inseguras, confusas, tristes, ansiosas e estes sentimentos são naturais, uma vez que se encontram numa situação complicada de resolver e ultrapassar. Manifestam baixa autoestima, podem apresentar também sintomas de mal estar físico (cansaço, insônias, dores de cabeça, entre outros). Os níveis de ansiedade da vítima podem aumentar pelo fato desde poder reviver cognitivamente o evento de violência do qual foi alvo (MANUEL, 2014).

## **5- Metodologia**

Segundo Vergara (2004) é através do tratamento dos dados que se explicitará para o leitor como serão tratados os dados coletados, estes podem ser apresentados de forma quantitativa, utilizando-se de procedimentos estatísticos e de forma qualitativa, codificando-os, analisando-os de uma forma estruturada.

A metodologia a ser adotada bem como as formas de coletas de dados e tratamentos destes será a qualitativa, utilizarei para demonstrar um estudo aprofundado das condições da comunidade em relação aos relacionamentos abusivos, onde encontrarei as informações e dados reais para a organização do estudo a respeito do tema proposto.

Segundo Vieira (2004, p.15), a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental à descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem, aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos, aos significados e aos contextos.

Neste contexto, o trabalho proposto compreende a pesquisa de campo, mais especificamente a etnografia, portanto serão realizadas entrevistas semiestruturadas e registro de depoimentos para análise das representações sociais no contexto legal das Leis.

Outro método que adotarei em minha pesquisa é a pesquisa bibliográfica conforme Severino (2007), é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisa anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. O que traria informações que norteou a discussão dessa pesquisa e assim as presentes dúvidas sobre tema.

Como foi citado anteriormente a pesquisa pretenderá explorar os casos de relacionamentos abusivos na comunidade e real motivo dos indivíduos em permanecer nessa relação conflituosa. Bem como analisar as marcas psicológicas que este tipo de relacionamento acarreta as pessoas que se propõem em permanecer ou sair dessa relação.

## 6- Referências

Brasil, Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006: **Lei Maria da Penha 2006**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2006/lei/11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/11340.htm)

CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. **Análise Psicológica**, 4(24):485-493. 2006

GELLES, R. J. STRAUSS, M. A. **Intimate violence**. New York: Simon & Schuster, 1998.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. SP: Atlas, 1991.  
LAKATOS, E. e MARCONI, M. **Metodologia do Trabalho Científico**. SP : Atlas, 1992.

LEVY, L; GOMES, I. C. Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro , v. 20, n. 2, p. 163-172, 2008.

MANUEL, S. C. G. **A violência no namoro entre jovens adultos**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto. 2014

PAZO, C. G.,AGUIAR,A.C. **Sentidos da violência conjugal: análise do banco de dados de um serviço telefônico anônimo**. Physis, 2012.

PAIVA, C; FIGUEIREDO, B. Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 4, n. 2, p. 165-184, nov. 2003.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs): **Ensino Médio**. Brasília: Ministério da educação, 1999.

RUIZ, J. Á. **Metodologia Científica**: guia para eficiência nos estudos. 4. ed. SP: Atlas, 1996.

## **CAPÍTULO VII - SER MULHER (ZELGILDA RAMIRES RAMOS)**

## **SER MULHER**

Zelgilda Ramires Ramos

Ser mulher...  
é deixar-se ser mulher muitas vezes,  
é se tornar um homem...  
Fazendo coisas de força física  
ou sentimental,  
ser mulher é muito além do que o nome propriamente dito,  
ser mulher é chorar em silêncio,  
é fingir não sentir dor quando está doendo até a alma,  
ser mulher é dedicação, é cuidado,  
ser mulher é ver possibilidade aonde não tem.

Feliz dia da mulher ...  
À todas as mulheres que tem uma força incomparável.

**CAPÍTULO VIII - SUPER MULHERES? BASTA OLHAR AO LADO (OU  
NO ESPELHO)! (ISABELY SILVA; LÉO RICARDO MUSSI)**

## **SUPER MULHERES? BASTA OLHAR AO LADO (OU NO ESPELHO)!**

Isabely Silva<sup>12</sup>

Léo Ricardo Mussi<sup>13</sup>

Ao longo da ficção, mulheres tem cada vez mais ocupado seu merecido espaço. Mulher maravilha, super girl, capitã Marvel. Elas demonstram na tela seus mais diversos poderes. Super força, super velocidade, super resistência e muitos outros, mas é na vida real, que encontramos as heroínas de verdade.

São mães, avós, namoradas, esposas e irmãs... São professoras, maquiadoras, diplomatas, garis, advogadas, enfermeiras e médicas! E seus poderes não perdem em nada. Por vezes se desdobram em mil, dando apoio a todos os que precisam delas. Com sua “super” velocidade se fazem sempre presentes. Com sua “super” força, dão conta de tudo, mesmo estando muitas vezes sozinhas. E com sua super resistência, lutam até hoje e de forma incansável por sua merecida representação social e igualdade.

Marcantes em todas as histórias, desde aquelas que não viram livros, até as que são estudadas na escola. Na história marcada, Antônia “Jovita”, Anna Nery, Anita Garibaldi! Barbara Pereira, Clara Camarão, Maria Quitéria, Maria Felipa... Sórora Joana, Zuleika “Zuzu” e tantas outras! Todas merecedoras de alguns minutos de pesquisa para um aprofundamento em suas jornadas; São guerreiras, revolucionárias e heroínas, com os nomes marcados na história por meio de lutas e resistências.

Mas não precisamos ir longe nos livros para encontra-las; quase sempre, basta olhar ao lado! Vemos nossas mães, avós, esposas... Normalmente com décadas de histórias e sabedorias, de todos os gêneros,

---

<sup>12</sup> Maquiadora e Hair Stylist. Acadêmica de Publicidade e Propaganda. Gestora de Marketing do Instituto Superior.

<sup>13</sup> Advogado e Psicanalista. Pós-Graduado em Docência do Ensino Superior e em Psicologia Clínica. Mestrando em Educação. Gestor do Instituto Superior. E-mail: leoricardobr@gmail.com

histórias reais que passeiam entre a aventura, o drama e até o humor. Munidas de uma força inabalável, e a habilidade de se fazer ouvir em qualquer situação, construindo sempre lindamente as histórias que vemos e vivemos hoje (e as que ainda vamos viver).

E por que não dizer até de nós mesmas? Que da melhor forma, cuidamos de nossa pitada de heroísmo, no trabalho, na sociedade, na família, na história... Fazendo história e participando dela, escrevendo os trechos bons e ruins de nossas próprias jornadas e batalhas, sejam individuais ou coletivas, super heroínas e super mulheres, com tanto a cuidar, proteger e lutar.

E quem sabe, imaginem só, com tanto tempo sendo Super, com tanto tempo de luta, um dia, quando os direitos forem de fato os mesmos, a equidade for de fato uma realidade para todas, o sexismo e a misoginia forem apenas uma sombra de um antigo problema, vamos poder estender as capas de heroínas no armário, e pela primeira vez, sermos apenas “mulheres”.

**ISBN xxxxxx**